



# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX \* N.º 225 \* PREÇO 1\$00

## CARTAS DO ULTRAMAR

LUABO, 17

Padre Adriano:

Aproveitamos três dias para um repouso necessário aqui no Luabo e ao mesmo tempo gozar a suspirada companhia dos nossos dois gaiatos António e Amadeu; bem como a também muito suspirada companhia de alguns velhos e bons amigos de outros tempos.

Podemos dizer que já andámos três partes do caminho. Agora é que eu sei qual a força e o calor daquele fogo que o Filho do Homem veio trazer à terra. Agora sei que a palavra incendiário convém e traduz adequadamente a missão dos pregadores do Evangelho. Quanto a mim, à vista dos prodígios inenarráveis que Deus vem operando no meio deste povo, eu quedo, assombrado e procuro viver e compreender as palavras do Príncipe dos Apóstolos: retira-te de mim Mestre, que eu sou um homem pecador.

Quanto aos resultados materiais desta nossa viagem, eles têm naturalmente de ser o que são. A presença de um mendigo de Cristo cheio de sinceridade, tem de resultar. A constante renúncia a grandes quantias e o interesse por migalhas, resultam ainda mais.

Gostei de ouvir que também por aí tens mendigado nos lugares do costume e espero que Padre Horácio tenha feito da mesma sorte. Nós temos de ser mendicantes, sem deslumbramento pelas quantias que recebemos, numa constante e forte renúncia aos grandes quinhões. Tu mesmo não deves regozijar-te demasiadamente com os sólidos resultados desta minha digressão. Muito ao contrário. Tu e Padre Horácio deveis pedir a Deus um maior espírito de pobreza, e poupar. Economizar. Não permitir que nada se estrague, para assim podermos socorrer um maior número de indigentes.

Ninguém acreditaria se eu aqui o dissesse, que nós levamos na algibeira mil casas do Património. Nada que se pareça com isso. Mas uma coisa é certo. Ficou uma sementeira capaz de as produzir. Por isso, Adriano, sem descuidar o que devemos aos nossos rapazes, demo-nos também com toda a alma ao cuidado de instalar humanamente os nossos irmãos que precisam.

Padre Américo

TOJAL, CASAL AGRÍCOLA.

Temos batido todas as ruas de Lisboa, à procura duma casa como esta para o Lar. Baldados esforços. Resta-nos um caminho: construir de raiz. Mais mil contos, mais trabalhos, mais cabelos brancos.

Caro Avelino

Respeitos ao Sr. Padre Adriano, cumprimentos aos maiores, um abraço amigo e saudoso para toda a malta.

O 29 de Julho já vai longe, a quando do bota fora, nas águas do Tejo. Houve comoção, trocaram-se abraços e caiu uma lágrimazinha. O «Quanza» deslizava vagarosamente e deixámo-vos. A bacia enorme que estendia ao longe quebrou-nos um tanto a saudade da despedida. E o «Quanza» seguia, seguia. No horizonte a terra perdeu-se e agora só tínhamos a vida de bordo. É desnecessário esmiuçá-la. Tu já sabes primeiro que eu o que ela é. Coisas boas e más, como a vida. Valeu-nos ao menos a companhia simpática, eu digo mais, simpaticíssima, desses jovens engenheiros cheios de juventude e de vontade incensurável de trabalhar para bem da prole. Os do Cunene. Que «rapazes» extraordinários, que mais pareciam irmãos de sangue! E o «Quanza» foram eles. O resto, monotonia. Vegetava-se, nada mais.

Luanda aproximava-se. Las Palmas ia longe, muito longe. De vez em quando o Pai Américo recebia telegramas e mais telegramas. A gente fervia. Estás a ver... E vá de ante-projectos. Aquilo vai ser uma chegada triunfal, dizia eu. Nada. Meia dúzia de amigos, sinceros e desinteressados. A cidade começava a sua vida, eram as primeiras horas da manhã e ainda muitos tinham sono. Estou a contar-te tudo tim por tim, para que saibas como tem sido a nossa vida. Mais. Muito resumidamente, porque são poucas as palavras e seria necessário tempo indefinido para te descrever o que é verdadeiramente uma peregrinação como a nossa. Adiante. Após os cumprimentos da praxe e das formalidades alfandegárias, fomos, como já sabes, para a Residência dos Padres do Espírito Santo, aonde nos acolheram graciosamente.

E os jornais de Luanda faziam barulho. Estava em terras de Salvador Correia de Sá e Benevides o nosso Pai—o Pai dos Pobres. Sentia-se gradualmente, pela pulsação, que a febre aumentava, na população de Luanda. Entretanto, o nosso Pai Américo adoece. Graças a Deus nada de grave e tudo ansiava por melhoras, quere dizer, pelo restabelecimento. Chegavam Telegramas e cartas de vocês e dos amigos da primeira hora. Tudo sentia.

(CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA)

Júlio Mendes



Amigo Carlos

Estimo que te encontres bom de saúde, que eu bem felizmente.

Como vai o barco, aí por casa?

Chegou aqui o Pai Américo e o meu irmão. Que dia, Carlos. O dia mais feliz da minha vida. Com que palavras me seriam possível escrever-te estes dias que o Pai Américo passou entre nós. Que dias. Ouvir da sua boca aquelas palavras, que nos levantam nas nossas mágoas. Ouvir da sua boca aqueles conselhos que a nós rapazes, aliás homens nos fazem tanta falta. Que falta.

Sentiu se radiante, quando o Sr. Thurnheer lhe deu as melhores informações a nosso respeito. A alegria do Pai Américo naquele momento! Abraço nos com uma cara de verdadeiro Pai, pensando para com ele que é a única alegria que lhe poderemos oferecer a nossa conduta.

Lá comeu na nossa república. A alegria do Pai Américo, por se encontrar junto dos seus filhos.

Lá partiu ontem de avião para Quelimane. Mas a partida custou. Como filho as lágrimas vieram-me aos olhos.

Só depois de entrar na vida, ter as responsabilidades dos seus actos, é que se dá o real valor, de quanto são precisos esses conselhos, esses castigos, que tive. Nunca dei o valor como deveria dar, enquanto aí estive. Entra-se na vida, vê-se o que isto é, não é nada bom. Tem-se que lutar contra tanta coisa que a cada momento nos surgem. Quando aí estava falava em liberdade. Sim falei quantas vezes. É necessário ter uma liberdade regrada. É necessário para quem se quiser governar sozinho, ter uma formação moral muito grande. Senão chega cá fora e cai-se redondamente. Quantas vezes me tem sucedido, recordar aqueles castigos que me deste aí. Recordo, mas fizeram-me bem. Mais tarde é que eles sabem bem, e nos vêm resolver tantos problemas.

Digo-te Carlos mais uma vez: não dei enquanto aí estive, o valor que deveria dar a um castigo, mas agora dou.

Aqui tenho que fugir aos perigos, e não tenho quem me diga uma palavra do Evangelho. Quanto não vale uma pequenina palavra de Deus. Depois de se ter contacto com o mundo, cheio da maior espécie de porcaria, não ter uma palavra que nos desvie desses caminhos. Tenho-me orientado pelas palavras do Pai Américo, parece-me que ainda O estou a ouvir, nesse refeitório.

Mas, infelizmente como sabes, muitos rapazes não dão o seu valor às suas palavras que deveriam dar. Não compreendem o seu sacrifício. Um homem que é um verdadeiro santo. Quanto não vale um conselho seu. Quem for um verdadeiro contrade, está no verdadeiro caminho para a formação dum rapaz. Quando me for possível enviarei uma pequena quantia para a nossa conferência de S. Vicente de Paulo.

Quando puderes escreve. Abraços para a malta. Recebe um abraço do teu amigo sempre ao dispor.

Luabo, 18/9/52

Amadeu Mendes



## AGORA

As linhas de «O Gaiato» são regateadas ponto por ponto, tanto ou mais que as colinas da Coreia.

Fica de fora original que dava para outro número.

Fica de fora o «Agora», as notícias das casas, a morte dos nossos leitores, etc. etc. Mas não podemos deixar de notificar a procissão das Cem Casas que Moçambique confiou ao Incendiário.

Notícias de Joanesburgo, dizem que o Júlio bota fumo por todos os bolsos e que anda seriamente preocupado com os ladrões.

Mais dizem os telegramas que Angola vai bater Moçambique. Ora agora vamos ver.



TOJAL—A padaria.

Daqui sai quentinho, o pão nosso de cada dia que o Senhor nos envia.

## CARTAS DO ULTRAMAR

Todo o mundo português o aguardava são e com forças. Saiu da Casa de Saúde e dá início às palestras radiofónicas e públicas em salas da cidade. Dizer do interesse, só estas palavras—Coliseus em ponto pequeno! Por isto já fazes uma máima ideia. Quem assistia, quem marcava presença? O Povo! Sim, o Povo. Aquele povo, que aos domingos inunda a nossa Aldeia. Que beija e acaricia os nossos «batatas». Que os traz no seu coração.

O entusiasmo aumenta. São visitas discretas que entregam envelopes no hotel. São operários que trabalham uma hora a mais por dia. São funcionários que se cotizam entre si. São migalhas de tudo e de todos; do Povo. Isto tudo foi Luanda da chegada. Luanda febricitante. Tanto teria para te dizer sobre outros pontos que para não te maçar, não digo.

O avião espera nos E' um dos da D. T. A., que riscam os céus da nossa Província de Angola, e que nos levou ao Congo Belga, a Leopoldville, sem nos levar cheta, graças ao Governo Geral. A nossa colónia aqui, é numerosíssima e como sempre, quanto mais longe e em país estrangeiro, mais perto do nosso torrão, pelo coração. E' a saudade. A saudade que todos nós temos da lareira, da boroa, das romarias, da nossa maneira de ser. Foram, salvo erro, duas horas de vôo. Uma viagem esplêndida. No aeroporto estava o nosso Vice Consul e muitos carolas pela Obra da Rua. Toda a colónia nos esperava. Hospedámo-nos numa das casas da Casa N. gueira. Houve uma sessão num dos cinemas da cidade, de que é proprietário um judeu e julgo que alemão, onde se reuniu quase toda a população lusitana. Alguém me disse e já se encontra há bastantes anos em Leopoldville, nunca se terem reunido tantos portugueses. Que assim seja, para honra e glória do Mestre. Contra o costume não houve capa à saída. O Pai Américo rubricou umas listas e cada qual dá o que quiser e o que lhe apetecer. Foi um delírio. Às palavras do Evangelho tudo cai.

Largáms de Leopoldville num grande «bicho». Era um «clipper Constellation», com um comprimento e uma largura razoável, rumo a Joanesburg, com destino a Lourenço Marques. Da viagem nada há a dizer. Tudo bem. A cidade—ouro é bem o nome. Tudo esplendor. Tudo luxo. Tudo vida «alta». Arranha-céus, aos pontapés. Lembro-me do «H's Magestic House» e doutros de que não posso agora precisar os nomes. A extensão é enorme. Ainda retenho na memória que demorou tempo e tempo, antes de aterrizar o avião, a dar a volta à cidade. Só vistol Palavras,

continuo a não as ter. Demos um passeio à noite. O efeito é surpreendente. Só uma coisa nos meteu medo—os pretos. Se tu viesses comigo fugias apavorado. O meu colega, que era o delegado da Guiné ao Congresso de Turismo Africano, nem tão pouco mirava os pretos e as suas mocas e os seus facalhões Inacreditável. Eram aos grupinhos. Vê-se que na Africa do Sul não se faz caso do Evangelho.

Depois do mar e do ar, faltava galgar por terra. Pois bem. A viagem daqui para Lourenço Marques foi de comboio. Uma noite e umas horas do dia seguinte e temos à vista Moçambique. Mal entrámos na fronteira, em Ressano Garcia, aí vem o chefe da estação informar que a população laurentina espera os peregrinos ultramarinos e quer saber notícias, porque em princípio estava estabelecido que se faria esta viagem por avião. À chegada não há expressões. Lágrimas, aos montes. Abraços, na mesma. Palmas sem conta. Gente, às centenas. O Pai Américo estava no seu reinado. Compareceram todos os «encanecidos», companheiros de outrora na labuta pela vida. Autoridades das mais categorizadas.

Fomos hospedados para o Cardoso—o velho Cardoso Hotel. Aqui nos encontramos e estabelecemos quartel general. O Pai Américo já foi ao Rádio Clube de Moçambique dizer de sua justiça. Já fez duas palestras, uma no teatro Manuel Rodrigues e outra no Varieté. Se quizeres que te diga, as salas foram pequeníssimas. Houve porrada por falta de lugares que foi um caso sério. Os jornais matutinos e a rádio lamentavam a incapacidade das salas e pedem um estádio! Faz-se traficância de bilhetes de ingresso e um dos matutinos pede providências às autoridades! Indescritível! As bichas para bilhetes de ingresso são duma extensão enorme. Tudo quer assistir. Lourenço Marques passa as palhetas a Luanda.

Estamos com os pés no estribo para a nossa peregrinação pela Zambézia e Beira e cidade de Moçambique. A seguir vem a Rodésia e Livingston aonde havemos de ver as cataratas do Zambeze. Se quizeres vem daí. De lá saltamos às cidades do Congo Belga e da Africa Equatorial Francesa. Aonde quer que haja um português, aí estamos nós a depará-lo. Depois Luanda e depois Portela de Sacavém.

Avelino. Diz à malta que peça por nós a Deus. Que Ele dê saúde ao nosso Pai Américo. Não te esqueças. Precisamos de forças para levarmos a cruz até Paço de Sousa. Adeus.

JULIO MENDES

## OUTRA CARTA O que dizem os leitores

Cem «d'ele»...  
50\$00, para uma assinatura anual de «O GAIATO».

O troco para umas modestas telhas dos «chalés» «sumptuosos» e mágicos dos probrezinhos recolhidos e agasalhados pela meritória.

«OBRA DE RAPAZES. PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES», a mais sublime criação de um Padre, e agora para...

«DESHÉRDADOS E DESVALIDOS» também.

De «um» que não crendo em Céu nem Inferno, não duvida da redenção dos filhos da rua (os abandonados d'ontem e os revoltados de amanhã), se a sua formação cívica e intelectual for dirigida por espíritos de eleição—laicos ou iluminados pela chama do Evangelho, não importo—como o PADRE AMÉRICO, cuja sinceridade e altruísmo, como a dos seus próximos colaboradores—na Terra ou no Céu, como quiserem—a ninguém é legítimo diminuir ou contestar.

Com as mais sentidas e veneráveis saudações a TUTORES E PUPILLOS das DUAS GRANDES CRUZADAS, o assinante que desejaria ser rico só para entrar como «sócio capitalista» para a SOCIEDADE DO PADRE AMÉRICO &... C.ª...—a prática do BEM.

30 de Agosto de 1952

Acredito na sinceridade deste nosso Amigo como ele nos faz a justiça de acreditar da nossa sinceridade.

Com pessoas sinceras podemos ser francos. Julga, bom Amigo: que se não acreditasse no céu e no inferno, o Padre Américo (uma pessoa inteligente não acredita sem razões seguras) digo, o Sr. Américo, nos seus tempos da Zambézia, teria um dia saltado pela janela, ao topar, no seu quarto, com uma mulher que os amigos traiçoeiramente lá tinham introduzido?

Julga que ele trocaria a via larga das comodidades e da abundância pela cela miserável dum convento?

Julga que ele, deixaria a melhor sociedade que o adulara, pelos pobres das latas que o apedrejaram; ou que deixaria os encantos duma família sua por esta família do lixo da rua aonde aparecem filhos como o veneno que o procurou com uma faca de sapateiro para o matar?

Julga que ele ou alguém estaria disposto a mendigar pelo País e pelo estrangeiro, agora pelas colónias; ouvir o coro ininterrupto dos que gemem misérias à sua volta; observar constantemente a indiferença, egoísmo, e esbanjamento dos que podem; escutar em silêncio injúrias como a que há dias saiu da boca dum homem responável: «ocê é o Goebels do nosso país, ninguém acredita na sinceridade da sua propaganda»? Sim: há céu e inferno, como há lázaros e ricos avarentos, pois, se não houvesse, os tiranos, os gosadores, os devaques, seriam os homens mais avisados do mundo—e o Padre Américo e quantos seguem o caminho estreito, os grandes lorpas os parvos e os mais miseráveis seres humanos, a começar pelo próprio Cristo.

Já que me dá a honra de associar-me aos «iluminados» e sinceros, permita-me que diga de mim (o que é odiado) também uma palavra. Também eu creio no céu e no inferno. Esta crença é um dom de Deus, bem como a honra de servir os meus irmãos pobres. Quem é digno de tal serviço?

Pois foram os que não acreditam nem em céu nem no inferno que me impeliram por este caminho.

Tinham-me confiado um povo distante, sem Deus. Apesar de tudo fui sempre respeitado e até estimado. Ao despedir-me por obediência, um dos meus mais activos vem ter comigo nestes termos: dizem que vai deixar-nos; que seja feliz: que Deus o ajude.

Nessa terra aparecia um rapaz doente, de 20 anos, a oferecer-me a sua colaboração. Eu aceitava e repartia com ele o trabalho, o farnel, a esteira e as opas em que, em noites de missão, nos envolvíamos. Terminado o trabalho ele ia para casa dele e eu para a minha, a quinze quilómetros de distância um do outro.

Um dia ele faltou. Inquiri: era a doença que se agravava.

Melhor informado, vim a saber que a doença dele era a fome (por isso ele me procurava) e mais descobri que a família o abandonara por ser elemento morto no orçamento familiar.

Corri a casa e mandei por um portador quanto lá tinha. Era tarde. O dinheiro foi-me devolvido. O rapaz tinha morrido... à fome!

Fala primeiro o Sr. Moreirinhas, da Figueira da Foz.

Junto envio 40\$00 para pagar a assinatura de «O Gaiato» (ass. n.º 9669).

E', sem dúvida, o «Gaiato» a leitura mais cristã e mais sã que se lê em Portugal. E' o melhor tratado da Teologia que até hoje me foi dado estudar. Por isso, meus amigos, vamos ao trabalho... Sempre mais e melhor. O «Gaiato» é uma força que está exercendo uma acção benéfica nas mentalidades jovens de Portugal. O «Gaiato» é vida! O Gaiato é luz!! O Gaiato é Cristo vivo!!!

Agora fala «uma pobre pecadora»

Pai Américo:

Dá-me licença de que à semelhança dos seus gaiatos O trate também assim? Eu que desde tão nova não sei o que é ter um lar, por ser órfã de pai e mãe, fui infelizmente, educada num asilo, onde nunca encotrei o ambiente por que sempre ansiei e que os seus gaiatos têm a felicidade de encontrar nessas casas. E' pena que não as haja também para raparigas pois assim todas as minhas irmãs em infelicidade teriam a satisfação de encontrar outro lar em vez dos asilos onde a criança não tem personalidade, é um autómato e não um ser humano com vontade própria e responsabilidade dos seus actos.

Mais tarde ao ser atirada para a vida da sociedade dediquei toda a minha actividade a uma Senhora. Mas at nova decepção me esperava... E' a vida, tão dura, às vezes. Deixei a vida de servir e tentei a costura. Prometi a Nosso Senhor, ao fim de 2 meses sem ganhar um tostão, que do primeiro dinheiro que ganhasse 20\$00 eram para a vossa procissão do «Agora». E' pouco muito pouco mesmo, mas é dado com o coração.

Finalmente aí vem um assinante pobre com uma carta pedindo mil desculpas por estar em atraso na assinatura. Que se não aflijas: Ninguém deixará de receber o jornal por ser pobre.

E' até, para nós, motivo de alegria levar a casa dos pobres a mensagem de Cristo, nas colunas do Gaiato. «Ide dizer a João que os pobres são evangelizados».

Se este argumento, na boca do Mestre, serve para demonstrar a divindade de sua missão, também há de servir para nós.

«Cá em minha casa somos assinantes de o «Gaiato» e infelizmente ainda o não pagámos, porque as nossas finanças ainda o não permitiram. Muitas vezes temos pensado em o mandar suspender, mas não temos coragem, porque a sua leitura atrai, é o Evangelho vivo como nos primeiros tempos da Cristandade. Brevemente que remos satisfazer essa dívida. Perdoo-nos Senhor Padre Américo, mas logo que possamos o faremos. O meu maior desejo, é o bom êxito de toda essa bendita «Obra».

Não calcula a revolta que senti. Morrer à fome numa terra de ricos... só é possível onde se não acredita no céu nem no inferno.

Se em terra de cristãos tal acontecesse, eles não o seriam.

Infelizmente a hipocrisia está muito espalhada. E' a máscara com que muitos se cobrem. Há homens que acreditam, mas trazem a máscara do ateísmo, assim como há ateus que se afirmam com a máscara do cristianismo. Hipocrisia! Uns e outros são censuráveis.

Ao menos o «nosso sócio», põe a alma ao sol sinceridade. Não me admira se a luz da Verdade o atingir em cheio.



# Do que nós necessitamos

Vinte de Nisa; 20 de M. D. por ter obtido uma graça; 40 no Espelho; 50 do Dr. Zéquiaha; 100 no dia 19; 50 de dois amargurados, para quem pedimos que o Senhor seja o Cireneu.

Mais 25 duma Valboense pelo bom regresso do Pai Américo, e 40 para que N. S. ilumine os caminhos por onde o Sr. P.º Américo tiver de percorrer na sua dolorosa peregrinação, e o traga a salvamento. Esta intenção repete-se constantemente.

Mais 1 000 do primeiro ordenado, e vinte dum pequeno órfão, internado num colégio de caridade que diz assim: «Como vim para férias fui trabalhar. Pagaram-me oito escudos por dia. Trabalhei três dias menos duas horas, mas ofereço (quem sabe se a meus irmãos) o primeiro ordenado que ganhei nesta estrada da vida». Este rapaz honra a casa que o educa. Mais cem do primeiro ordenado. 200 de uma Maria de Oeiras; mais 42 de uma vez e 93 de outra, produto de alguns dias de trabalho, de uma grande pecadora. Não acredito que seja. As grandes pecadoras não se confessam assim publicamente; 100 do primeiro ordenado de um engenheiro; 50 de Caminha com a simples indicação — «19 de Setembro»; 500 dum sacerdote pelas intenções mencionadas e que Deus o conserve por muitos anos; 50 da assinante 11.273; 200 da Esperança, que os recebem contra toda a esperança. A tuberculosa foi contempalada! 20 de promessa a P.º Cruz; 40 e acção de graças a N. S. de Fátima; 50 no Banco. 155 e recém-casados de Vale Prazeres. 20 pela saúde de marido e filho.

Mais 40 de Espinho em resultado duma promessa, e 20 de um seminarista que anda a pé 8 quilómetros para poder oferecer esta quantia. Mais uma remessa de vidros, da Centro Vidreiro de Oliveira de Azemeis. A habitual carada de embrulhos do Espelho da Moda. Muitos quilos de carne no Lar do Porto e artigos religiosos e pano para lençóis, e 300 para a Casa, mais cem do magro ordenado dum serralheiro! E entre os operários que mais estamos a sentir a simpatia pelas crianças da Rua. Muito poderíamos dizer a este respeito se as colunas de «O Gaiato» fossem mais compridas.

Mais fruta, um anel 100 e 50 e uma escrevinhinha, tudo ainda no Lar do Porto.

20\$ da Minucha, Gracita e Zé Júlio. Que Deus acrescente esta família para irem aos 40\$.

Mais 50 do Araújo Carlos; 100 do leitor em dívida para uma aflicção. Elas são tantas, meu senhor, as que nos vem aqui bater à porta...

Mais esta carta:

*«Já há mais de um ano que tinha vontade de mandar esta nota (100) pois vendo-me abandonada pelo meu marido, com dois filhos que são dois amores e mais um nunca acabar de coisas, pedi a Deus que me desse coragem e saúde para criar os meus filhos. Deus ouviu-me e aí vão cem escudos inteirinhos...»*

Parecia passado o tempo da mulher forte da Escritura, mas ainda hoje elas aparecem.

Mais cem de Long mel; cem pelas melhores da e posta; 50 anuais; 200 de U. H. B.; 20 pela muita simpatia que lhe merece a

Obra.

20\$ da Chamusca; mais um vale de Lisboa. 60 no Comércio do Porto; muitos pacotes de roupa e chá; e remédios, e revistas, e calçado, e «Gregórios» para os batatas que foram muito apreciados, e brinquedos do Bebê n.º 3 e 20 para a conferência.

Na procissão do Barredo vem um José, com 200\$ para uma família numerosa, e uns noivos recebidos em Fevereiro na igreja do B. n.º fim, e mais «por alma de querido Pai», da rua do Carvalhido. Também para a conferência, dois mil que foram divididos pelas sete, com grande regosijo de todos confrades.

Mais de Lourenço Marques um envelope com cinco. Tem graça que tinha ido ao encontro duma grande aflição que vi nas Criaditas dos Pobres, e remeti para lá cinco notas. Pouco depois chegaram estas para repor. É a Providência.

## CAMPANHA DOS 50.000

A tiragem deste número vai aos 34.500 e tememos que não cheguem.

A venda no Porto já tem chegado aos 6.000. Coimbra parece que vai passar as palhas a Lisboa.

O que vale é que há por lá Amigos que não descansam.

Um dos Engenheiros da Rádio Marconi acaba de enviar-nos uma lista de 403 novos assinantes, todos funcionários de Empresa. Dinheiro à frente. Isto é que é pregar o Evangelho superlectar.

É através da Marconi e da Lusitânia que temos sabido das passadas do Grande Peregrino de África. Bem hajam todos.

Também um senhor nos remeteu uma lista de 70 e tal nomes. Tivemos de comprar uma máquina por sete contos para dar andamento a tanto trabalho. Podem cansar-se as máquinas, que não os Rapazes. Vamos prós 50.000

## VOLUNTARIOS

Felizmente estamos a ver surgir nos nossos Seminários um interesse crescente pelas obras sociais.

Pelo que n.º dia respeito, estamos imenso, muito gratos a uma dúzia de teólogos dos Olivais, Beja e Coimbra, vieram ao nosso encontro nas nossas casas e nas Colónias de Férias de Miranda e Ericeira.

Uparam-nos muito trabalho. Sacrificaram alguns totalmente as suas férias. Um deles desistiu dum passeio gratuito pela Europa para se dar totalmente aos nossos rapazes.

Este faz nos presentir uma nova era de novos apóstolos que bem precisos são. Vasta é a seara e, neste campo, quam reduzido é o número de obreiros. Aqui não há alquerilinho...

## EXCURSOES

Mal rompe a aurora do Domingo, começam a chegar carros carrinhos e carretas com grupos excursionista de todo o mundo. É um dia inteiro de balbúdia. Ao cair da noite, volta o silêncio e o socego à aldeia.

Uns apresentam-se como peregrinos, outros como turistas. Mas uns e outros deixam vincada a sua passagem com mostras de simpatia da mais variada originalidade.

«O Grupo dos Amigos do Gaiato» que aparece todos os anos, forma sempre ao fundo da avenida e vem por aí acima a cantar o fado do Gaiato.

A chuva cai-lhe em cima mas ninguém arreda. São 187 pessoas.

Fazem um discurso à sua moda e deixam 1 877\$ e retiram contentes. Esta quantia foi o produto da cotização de \$20 por semana.

O Orfeão da Madalena marca a passagem com 285\$8 e um número executado a primor. Dá gosto ouvi-lo. O antigo grupo do P.º stigo ao Sol idem. O grupo Dramático de Avintes deixa 200\$. Sindicatos dos Barbeiros do Porto 200\$!

Registamos mais Guinífães — com 100\$ os Espadas de Carreiros e m 540\$; os «Obreiros da Paz» 100\$; «Sempre por Gondomar» 50\$; «Nós Vamos e o Serrôte Fica» 141\$; Miranar 71\$; Precisa do Ramalhe 51\$50; crianças da Pensão de Cete 35\$; «Quem fica saudades tem» 160\$; os Modestos do Pinheiro 50\$. Os bem anteadidos, 100\$.



# ISTO SÓ ELES!



Em todas as nossas casas é indispensável o elemento «batatas». Batatas para comer com bacalhau, pois claro! Batatas com o artigo masculino — os — nomes que na gria das nossas casas designa os miuditos dos 3 aos seis anos. São os príncipes! Não são de comer com dentes mas sim com beijos. Quando não há um batati a para trazer ao colo, tudo se ve para o substituir: ele são pintos, pombos, gatos, cães, cordeiros e até leitões!

São as tais razões do coração, que a razão não compreende. Mal por mal, sempre é preferível um batata. Até porque, mais tarde, quando os batatas forem pais, saibam do carinho com que foram tratados e saibam tratar com amor e delicadeza os próprios filhos. É uma nota indispensável neste ambiente familiar.

Agora vamos aos exemplos.

No Tojal é o Zeca. Dantes era o Rui e, antes dele foi o Arjinho. Mas esses passaram à história e agora o Zeca é tudo. Ele come à mesa com o Senhor Engenheiro, ele vai passear até à praia de pó-pó!

Ele chama «mamã» à Senhora para andar sempre a comer lambarices, ele tem licença para nos tratar por tu, porque para ele não há Excelências. Santa simplicidade!

Uma vez na igreja de S. Domingos foi um caso sério para o mandar calar. O pároco do Tojal levou-o à igreja sem eu saber. Entrou na altura em que eu fazia o peditório através do alto falante. Sem me ver, mas distinguindo a minha voz, o Zeca começa em altos gritos a chamar por mim. Se entro em casa, sem o ter levado, ele vem muito triste queixar-se: o Zeca não foi no pó-pó.

— Em Miranda lá está o indispensável príncipe. Um dia destes dirige-se à Senhora com um tom carinhoso.

— Ó Mãe tu gostas de mim?

Ela não respondeu logo.

— Mãe, d' mãe, não ouves? Tu gostas de mim?

— Gosto, sim.

Então se gostas de mim, não me dês mais cobes, não?

Mais bonito foi o que se passou em Monte Real. P.º Horácio lá foi ao habitual peditório e com ele o príncipe de Miranda.

A certa altura o P.º Horácio fala nos batatas e o prior da freguesia, pega no príncipe e põe no altar. Um delírio! Tudo se levanta para ver o novo santo! Terminado a missa o batatita anda de mão em mão, enchem-no de beijos e de bolos, dão-lhe notas grandes que ele vai entregar com grand' seriedade — toma!

Falta falar nos príncipes do Porto e Paço de Sousa. Vieram agora dois ao mesmo tempo. O Carlos descobriu um no Barredo. O pai tinha já morrido; agora morreu a mãe. O Carlos trouxe-o logo para casa. Ele não sabe viver sem um bebé! Dantes era o Grafita, agora é o Arturinho. Era para vir para Paço de Sousa, mas quem é, que o pode tirar ao Lar do Porto! O Arturito é um verdadeiro príncipe!

Para aqui veio o outro. Traz um lindo cabelo loiro e logo todos o baptizaram — é o nosso loirinho. Foi para o refeição dos batatas. Quando ali entrei, todos à uma se levantam num pedido

instante: *deixe crescer o cabelo à homem ao nosso loirinho!*

Quem pode resistir à oração unânime das crianças? E lá anda ele à home-m!

Abel pega nele e trá-lo na bicicleta. Visitantes tiram-lhe fotografias e dão-lhe dinheiro.

Temos um novo príncipe na aldeia!



Galinhas e pintos aninham-se nos braços dos batatas. Nos braços dos maiores aninham-se os batatas.

Tudo por amor!

Outra vez o Manel do Embrulho. Ele andou por aí a pedir aos grandes da Casa, para que lhe dessem a direcção do Sr. P.º Américo pois queria escrever-lhe. Como ninguém lhe dava luzes seguras, veio ter comigo. Já trazia a carta feita com envelope e tudo. De-me ao trabalho de a copiar sem ele saber e lá seguiu ela para Luanda.

Pai Américo

Vim contente da praia onde estive e, por isso não tinha escrito ainda.

Estou a refeiteiro da mesa do Pai Américo e ainda dou vasão nas outras mesas quando os meus companheiros não se mexem. Fizemos muitos sacrificios pelas melhoras do Pai Américo e aguentei uma tarde sem falar, nem para pedir o descascador ao Barbeiro. Pedi por um sinal. Os pintos da casa estão grandes e os patos também. Temos 10 galos to los grandes e os perús estão a perguntar um ao outro qual vai para o forno na chegada do Pai Américo. Vieram cá uns senhores Alemães e outros Portugueses. Perguntaram ao Rosende que idade tinha o Gaiato marpequeno. Disse que tinha 3 anos. E o maior? É o Pai Américo. Os senhores riram-se muito. Tenho muitas coisas bonitas para lhe dizer mas o papel já é pouco. Todos nós lhe mandamos muitas saudades e também para o Júlio.

Manuel do Embrulho

OS senhores não calculam os sarilhos que por aqui houve por causa dos retratos do Sr. Padre Américo.

Os rapazes da composição mal apanharam lá a zinco-gravura toca de tirar «pais Américos» para colocar na barra da cama. Todos os papéis serviam.

Surgiram novos sarilhos. Entre tantos parecem os oportunistas de mercado negro. Há trocas, empréstimos, há compras e vendas etc.

Lá que os antigos vendessem ou alugassem os filhos, passe: agora que na Casa do Gaiato se compre, alugue empreste ou troque por uma corneta, uns óculos, um par de jogadores ou mesmo um santinho — um Pai Américo, ninguém acha bem. Isto é eles!

NUM domingo destes os Rapazes pequenos do Lar do Porto foram passear a tard' com os companheiros de Leça. Os eléctricos iam à pinha.

Em Casa tinha-se-lhes recomendado que fossem delicados para com toda a gente, sobretudo senhoras, a quem se devia ceder o lugar etc. etc.

Dois deles muito aráveis assim fire-ram. Entrou uma senhora, e delicadamente se levantaram oferecendo o lugar. Ela sentiu-se logo sem dizer nada.

Fingindo que tinha ouvido qualquer coisa e acode o primeiro n.º de depressão.

— Minha senhora, minha senhora, disse alguma coisa?

— Não, não disse nada!

— Ah! julgávamos que tinha dito muito obrigado!

A senhora correu três vezes.

O caso foi largamente comentado no eléctrico e em casa.

A lição foi dura, mas oportuna. Isto é eles!





Os animais suprem o que os homens negam a estas crianças.  
Eis um guarda fiel: um amigo.

## TRIBUNA DE COIMBRA

Vamos a percorrer mais um passo e a contemplar mais uma estação da Via Dolorosa.

Começemos pelo Bairro das Latas. Seguia pelo carreirito que me levava a casa da cancerosa e surge-me uma mulher já minha conhecida a perguntar: *O Senhor vai ver a sua doentinha?* Vou, sim senhora. Ah! Ela já morreu... Sigo na mesma direcção a indagar. Encontro na mesma barraquinha a sua companheira de tantos anos, e com 86 de idade, que se lhe dedicou completamente. Ela conta: *olhe, foi uma morte santa, na véspera veio cá o Snr Prior. E então o acompanhamento que ela levou... até gostava que o senhor visse, parecia dum rapariga nova. Tantos ramos de flores!*

Eu sou testemunha de tudo isto. Todas as vezes que a ia visitar pedia-me para se confessar e para receber o Senhor. Era a santa do Bairro das Litas. «Preciosa aos olhos de Deus a morte do justo».

Passemos à Baixa. Era meio dia e eu esperava o eléctrico. Aparecem-me dois pequenitos já conhecidos e quedam-se junto de mim. Pergunto-lhes pelo pai e o mais velhito, de dez anos, com o mais novo pela mão, responde: *está no sanatório; está ostruberculoso. Então já tens mais algum irmãozito? Tenho uma menina. Quantos são vocês agora? Sou eu e mais quatro pequeninos. A tua mãe ganha para vocês? Quando alguém tem roupa para lavar!... Mas agora ninguém tem roupa... Ficamos um pouco calados e daí a pouco ele diz: ainda hoje não comemos nada;... e hoje também todo o dia já não comemos nada; ninguém tem roupa para lavar!... Meu Deus, por esse mundo fora, quanta fome e quanta dor caminha?... Aquele pai novo a gemer no sanatório; aquela mãe aflita ainda com as dores de parto e com a fome dos filhos já a lavar roupa; aquelas criancinhas inocentes já a pensar tão cedol...*

Subamos a meia encosta até Montes Claros. Aparece-nos a mãe dos

oitos filhos, abandonada há anos pelo marido. Tem feito um caminho para nossa casa, à minha procura. O filho que estava no sanatório foi despedido, por não ter cura. A nossa assistência, por vezes, é assim. Quando não há remédio, alija-se a carga. Parece que voltamos aos tempos bárbaros! Agora anda a fazer o pneuma aos dois pulmões. A filha, que tem andado em tratamentos e que agora já tinha esperança de começar a trabalhar, teve que levar um aparelho de gesso e devia de tomar cinquenta gramas de estreptomocina. Um filho, já também muito fraco, única esperança daquele lar, ganha 450\$00 mensais e a renda da casa custa 220. E assim vivem todos, ou antes, vegetam todos. Ontem, já noite, o que anda a fazer os pneumas dizia que ainda não tinham comido nada. E tossia de fraqueza! É um dó vê-los!...

Contemplai e vede Jesus crucificado na pessoa do irmão pobre e tomai-lhe um pouco a Cruz.

Padre Horácio

*Desta vez é o Manuel do Embrulho, que escreve o Barredo.*

Ele é o companheiro encartado das senhoras quando elas andam por aí a visitar os pobres. Há dias o Manel queixava-se nestes termos: *também, a Senhora só se quer com os pobres; nunca me levou a ver os ricos do Porto...*

— Está bem; qualquer dia vais ver os ricos do Porto.

No dia marcado o Manuel quis levantar-se às quatro da manhã, tal a pressa de ir aos ricos do Porto. Mas, afinal, mais uma vez ele vai dar com pobres... e no Barredo!

Vou contar-me tudo e eu ouvi maravilhado e mandei-lhe escrever. Dum rapaz da 2.ª classe não se pode exigir mais nem melhor.

### EU VOU CONTAR COMO FUI AO BARREDO

«Gosto muito de ir com a senhora ver os pobres e quando ela leva outro por conta de mim eu fico triste. Mas desta vez fui com a senhora ao Porto e eu pensava queíamos mas era por ricos. Fomos muito cedo e tomamos lá o café e eu gostei de ver tantas bolas às cores, carros de corda e tantas bicicletas pequeninas. E eu perguntei: aqui não há po-

# AQUI, LISBOA!

Tenho andado a ler o Plano de Fomento de 1953 a 58. Pouquinho de cada vez, que o tempo não é muito! É à noite, antes de adormecer, à guisa de meditação social.

Perfeito. Parece-me perfeito. Os bens reprodutivos à frente dos que o não são, para que o avanço económico se aproxime da progressão geométrica.

Bens estes, que geram, não só outros da mesma espécie, como reclamam bens diferentes que estão na linha do natural desenvolvimento dos primeiros e, por sua vez, convidam à produção de novos bens.

Mas não vamos assim até ó infinito. Não se cria riqueza pela riqueza, mas sim para servir o homem, ser social que realmente vive em sociedade.

Ter mais imediatamente em vista a produção de fontes de riqueza do que a própria riqueza é óptimo alicerce do futuro, se o presente não é sacrificado em demasia. Sobretudo, se aqueles bens destinados à directa utilização pelo homem não são comprometidos em empresas que, por muito prometedoras, já mais compensarão os actuais sacrificados.

É claro que me refiro aos valores que hão-de suprir as necessidades fundamentais do homem. Longe de mim desencorajar a geração presente do esforço generoso pela melhoria do nível das gerações seguintes! Apenas quero significar que o progresso económico não pode ser construído à custa de um capital em que entre o pão de cada dia a que todo o homem tem direito.

Por isso, na minha grande ignorância de coisas de Economia e Finanças, fiquei surpreendido ao ler que 1 milhão e 400 mil contos dos 9 milhões que o Plano requer (justamente a maior verba depois do orçamento estadual), provinhem das Instituições de Previdência.

Tanto mais surpreso, quanto eu julgava que as Instituições de Previdência tinham sido constituídas para prever e prover às necessidades dos seus associados e de facto ainda não cumprem perfeitamente a sua missão.

Tanto mais quanto, na totali-

dade ou maioria dos casos, é obrigatória a inscrição nesses Institutos, tornados grandes financiadores que não dão dividendo aos accionistas anónimos que subscrevem tão avultado capital.

Eu creio que esteve em mira a produção de grandes readimentos que garantam uma previdência eficaz, que remedeie e não só entretenha. Mas não será injusto que esta garantia se funde no total sacrifício dos actuais contribuintes, quase sempre trabalhadores vivendo exclusivamente do seu braço, os quais se vêem reduzidos à miséria quando a doença ou a invalidez lhes bate à porta? Não será isto um desvio da finalidade da Previdência Social?

Safu daqui há bocado um casal por volta dos 70 anos. Ele era trabalhador rural. Um dia o patrão cedeu-o a outro patrão, ao serviço do qual sofreu um desastre. Ficou inutilizado. Os dois proprietários empurraram as responsabilidades um para o outro. A questão arrasta-se há meses no Tribunal de Trabalho. As esperanças não são muitas.

Os velhinhos vinham pedir a nossa intercessão porque lhes tinham dito que nós é que podíamos... Não podemos nada. Pode o Tribunal. Deve a Previdência. Nós não podemos nada.

Coube-me a amarga tarefa de lhes matar a esperança derradeira.

Guiada pela prudência deste mundo, compreendemos que a Previdência siga os processos das companhias de seguros. Mas ela não é uma empresa comercial. Não se destina a acumular. Destina-se a sustentar os que já não podem ganhar o seu pão. Sustentar modestamente e decentemente. O que sobra—isso sim, que se empregue na produção de bens, a fim de que amanhã a qualidade daquele sustento seja melhor. Enquanto não sobrar, tal reprodução é um desvio.

Não basta à Previdência um corpo ditado pela mais capaz inteligência humana. Para ser perfeita tem de ter alma. Oxalá seja uma alma cristã.

C. G.



bres, pois não? Mas o pior foi depois. As dez horas começamos a entrar numas escadas muito sujas com muita porcaria e dava muito sol e cheirava muito mal. Começamos a entrar numas casas onde chamavam por nós e era tudo escuro e eu não via para subir. Disiam para me agarrar mas eu não via aonde e as escadas não tinham fim. Lá em cima cheirava muito mal fazia-me doer o peito e eu dava ais. Vi muitos doentes e ouvia que eram tuberculosos. Alguns tinham cama mas não tinham lençol e outros só tinham enxerga muito suja. Um quarto era tão pequenino que só cabia a enxerga e não tinha chão para pousar o bacio que estava em cima da cama. E não sei aonde cozinham. A senhora sentava-se na beira da enxerga e eu não podia por causa do cheiro. Quando ela foi tirar o lenço da mala tinha percevejos. Na casa dum tabrecloso que tem um rapasito mau rouba à mãe o que tem para o pai comer e eu disse feche-lhe a porta. Mas ela quer pedir ao Pai Américo para ele vir para aqui.

E quando acabou o dinheiro viemos embora. Um senhor dos Armazéns Almeida perguntou pelo Pai Américo e deu-me muitos sabonetes e eu dei-os aos do Lar. E ao passar no Bolhão outro senhor deu-nos 50\$00 e foi o que valeu para comprarmos coisas para casa. Uma mulher chamou-nos para comprar frangos e eu disse que tínhamos 10 galos e muitas galinhas. E outra queria que comprássemos uma roseira muito bonita e nós bem queriamos para o jardim do Pai Américo mas eu disse-lhe não podemos que já demos o dinheiro todo aos pobres e ela riu-se. Pedi à senhora dos bilhetes do comboio e nos davam os bilhetes por que eu era gaito e a senhora também era gaiata, mas ela não deu. Em Rio Tinto ouvi as mulheres perguntarem quem queria água e eu fui à janela e disse que sim mas a senhora disse que custava 15 tostões e só tínhamos cinco, então eu disse que queria mas que vinha beber a casa que era de graça. E acabou a minha primeira ida ao Barredo e quero lá voltar. só me custa o cheiro e ter de ver a porcaria.

MANUEL DO EMBRULHO

Agora, senhoras e senhores, limpem as lágrimas, que os vossos lenços não têm percevejos!